

A lepra em Goiás (1920-1937): as instituições filantrópicas e a pedagogia do isolamento¹

Leicy Francisca da SILVA; Marlon Jeison SALOMON

Programa de Pós-graduação em História UFG

leicyf@hotmail.com

Palavras-chave: história da saúde e doença; Goiás; lepra.

Introdução:

Na modernidade, o homem assume um duplo papel em relação ao conhecimento sendo ao mesmo tempo seu sujeito e objeto. A arqueologia de Foucault objetiva a apresentação do nascimento das ciências do homem, quais sejam, a medicina clínica, a pedagogia, a criminologia, a psiquiatria, a psicologia que, por meio das novas formas ou técnicas de imposição do poder sobre o indivíduo – os Panopticons – ou sobre o corpo, possibilitam seu nascimento e sua existência. Michel Foucault afirma que, na passagem do regime de soberania para o estabelecimento de um governo firmado no biopoder, a vida se insere na política e se transforma em objeto de poder, onde a estatística, a higiene, a política das famílias, a escola, o exército e a medicina subsidiam sua administração. Buscamos no conceito de *biopoder* e *biopolítica* de Michel Foucault, o arcabouço teórico necessário para a compreensão do processo inicial de preocupação da administração pública, para o problema da lepra em Goiás, por meio da ingerência do Hospital e do asilo em relação ao cuidado para com os doentes, bem como de uma preocupação com a educação higiênica onde os preceitos da medicina buscam interferir na política das famílias². Na interação entre o Estado e os indivíduos, o *biopoder* se constitui por meio de um empreendimento de intervenção sobre o corpo do indivíduo, normatizando a vida, e através de uma política sobre a população, ou a preocupação com a saúde pública. No Brasil, a aliança entre política e pedagogia médica pode ser observada no início do século XX, mas é na política nacionalista de Getúlio Vargas após 1930 que ela se fortalece. Nesse momento, o Estado apresenta um programa político de integração do sertão e do sertanejo. Acreditava-se que para a construção da nação brasileira era antes necessário reconstruir as microcélulas

¹ Pesquisa financiada por bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa em Goiás FAPEG.

² FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979; FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da Clínica*. Tradução de Roberto Machado. – 6ª ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. (p. 16); DANZELOT, Jacques. *A Polícia das Famílias*. 2ª edição. Rio de Janeiro, editora Graal, 1986.

formadoras dessa, ou seja, o indivíduo. É nesse processo, que notamos a *medicalização* da lepra em Goiás.

Material e métodos:

Para o estudo da história da lepra em Goiás, junto ao discurso divulgado por revistas médicas científicas em relação à enfermidade, nos apoiamos em textos publicados por jornais locais, revistas e artigos memorialísticos³. O objetivo de nos fundamentarmos na análise desses discursos é pensar, junto ao processo de construção científica da doença na região, também o processo de transformação social entabulada em relação ao posicionamento da comunidade para com a doença, o doente e o poder médico político que estabelecia novos saberes, novas normas e novas instituições que interferiam no cotidiano e transformavam a percepção da própria vida. Nesse processo a linguagem médica se populariza e a partir dela se estabelece um novo discurso. Nesse sentido afirma Fairclough,

Os discursos não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles a constroem ou as 'constituem'; diferentes discursos constituem entidades-chave (sejam elas a 'doença mental', a 'cidadania' ou o 'letramento') de diferentes modos e posicionam as pessoas de diversas maneiras como sujeitos sociais (por exemplo, como médicos ou pacientes), e são esses efeitos sociais do discurso que são focalizados na análise do discurso⁴.

Estabelece-se nesse período, 1920-1937, um processo de construção da hegemonia do discurso médico curativo, embora ainda se possa observar um nível considerado de discrepância entre a observação social da enfermidade e o olhar médico.

Resultados e discussão:

No início do século XX, no Brasil, as ações filantrópicas e caritativas de assistência aos doentes de hanseníase estavam, na maioria das vezes, a cargo das instituições religiosas católicas, onde caridade e filantropia se uniam na assistência aos miseráveis e doentes, especialmente por meio das Santas Casas de

³ Textos memorialísticos: Carlos Pereira de Magalhães. Cartas de Goiás no princípio do Século XX; prefácio de Antonio Pereira de Magalhães, 2004; Júlio PATERNOSTRO. Viagem ao Tocantins. Companhia Editora Nacional, 1945. (p. 309-310). Recortes de Jornais e Revistas: Jornal o Democrata; Revista a Informação Goyana; Revista Educação e Saúde. Documentos oficiais: Correio Oficial; Ofícios da Diretoria do Serviço Sanitário do Estado de Goiás. Caixa 807 Documentos Avulsos (Arquivo Histórico Estadual de Goiás); Parecer da Comissão de Análise para Construção do Leprosário da Cidade de Goiás (Documentos Avulsos cx. 864); A lepra e as organizações antileprosas no Brasil em 1936. Memórias do Instituto Oswaldo Cruz (on line). 1937; 32 (1), p. 154. ISSN 0074-0276. doi: 10.1590/S0074-02761937000100012; Regulamento do Hospital de Caridade da Cidade de Goyaz. Decreto n. 6485, de 20 de fevereiro de 1920. Arquivo Público Estadual de Goiás. Pasta Regulamentos. Legislações específicas: Lei n. 781 de 16 de julho de 1925 instalado em 1926; Decreto n. 8.968, de 23 de abril de 1926; Decreto n. 97 de 5 de novembro de 1930; Regulamento de Saúde Pública do Estado de Goiás, 1931 (Fundação Cultura Frei Simão Dorvi).

⁴ Norman Fairclough, 2001; 2008; p. 22.

Misericórdia. Mas começavam a surgir outras ações nesse sentido, de caráter particular, algumas vezes ligadas a missões protestantes ou a investimentos de ricos industriais, ou mesmo da classe média preocupada com determinado problema social. Essas ações, no entanto, são pouco exploradas pela historiografia da lepra. Quase sempre esses estudos abordam, no tocante à filantropia e à caridade, o trabalho prestado pelas Santas Casas de Misericórdia, as doações individuais e mais tardiamente a construção das Associações e da Federação das Sociedades de Assistência aos Lázaros e Defesa Contra a Lepra⁵. Para estudar a história da lepra em Goiás nas décadas de 1920/30, nos voltamos em direção às instituições filantrópicas privadas, considerando os estudos do leprologista H. C. Araújo que elenca as organizações antileprosas no Brasil “Existem, em Goyaz, desde há alguns annos, tres pequenos asylos para leprosos, em Annapolis, Bananal e Catalão, todos mantidos por instituições privadas. A Sociedade Goyana de Assistência aos Lázaros começou a agitar o problema” em 1936⁶.

Além das instituições citadas (Leprosário Helena Bernard em Catalão, Leprosário São Vicente de Paula em Anápolis e Leprosário Macaúbas da Ilha do Bananal), o autor mostra a preocupação com a construção de um quadro epidemiológico. Nele consta a população atingida pela doença nos 55 municípios do Estado que era composta por 2.178 indivíduos⁷. No mesmo estudo se apresenta a afirmação de Zoroastro Artiaga, Diretor do Departamento de Administração do Estado de Goiás, de que “esse recenseamento, feito por leigos, se refere ‘somente aos casos mais graves declarados’”, o que indica a possibilidade de haver no Estado uma população doente bem maior que o indicado⁸. Tal discurso se fazia necessário diante da ineficácia do quadro hospitalar para assistência aos atingidos pela enfermidade, até a década de 1920 apenas o abrigo da cidade de Goiás, subordinado ao Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara e o da cidade de Pirenópolis, subordinado à Sociedade de São Vicente de Paula, prestavam socorro

⁵ SANTOS, Vicente Saul Moreira dos. Entidades Filantrópicas e Políticas Públicas no Combate à lepra: Ministério Gustavo Capanema (1934-1945). Dissertação de Mestrado, FOC/COC – Programa de pós-graduação em História das ciências e da saúde. Rio de Janeiro, 2006. SANGULAR, Gisele Porto. Entre os Salões e o Laboratório: Filantropia, mecenato e práticas científicas – Rio de Janeiro, 1920-1940. – Rio de Janeiro, 2005.

⁶ A lepra e as organizações antileprosas no Brasil em 1936. Memórias do Instituto Oswaldo Cruz (on line). 1937; 32 (1), p.154. ISSN 0074-0276. doi: 10.1590/S0074-02761937000100012.

⁷ Excetuando o município de Cachoeira que não oferecera essa informação (segundo o censo realizado e divulgado no estudo do Instituto Oswaldo Cruz e do Centro Internacional de Leprologia).

⁸ A lepra e as organizações antileprosas no Brasil em 1936. Memórias do Instituto Oswaldo Cruz (on line). 1937; 32 (1), p. 154. ISSN 0074-0276. doi: 10.1590/S0074-02761937000100012.

aos doentes, o que consistia na manutenção de sua sobrevivência. A política médico social, no que concerne à organização de um quadro assistencial e normativo para os problemas da lepra, manifesta-se inserido num projeto de expansão do poder do Estado, com o desenvolvimento de estratégias de disciplinamento social; na prática, enquanto o Estado ainda não se apresentava como mediador da assistência sanitária de sua população leprosa era por meio da atividade caritativa e filantrópica⁹ que se atendiam as necessidades básicas de sobrevivência e se respondia às carências de ações sanitárias regionalmente. Por isso o estado absorve-as, incentiva-as e subvenciona-as como continuação de seu poder. Ainda por meio dessas instituições, divulgavam-se discursos médicos pró-isolamento, como base do tratamento dos doentes de lepra alicerçado no paradigma bacteriológico, eles se popularizam em meio a variadas campanhas empreendidas de doações privadas, festividades para arrecadação de donativos e exigências de ações estatais.

Em 1939, como parte do programa de implantação de políticas sanitárias esquadrinhamento dos espaços públicos em Goiás, temos a intervenção médica e policial na tradicional Romaria de Trindade, “as autoridades policiais e sanitárias do Estado ali estenderam seu serviço de vigilância e assistência, tudo perfeitamente organizado, a molde de proporcionar aos visitantes romeiros a melhor impressão possível de ordem e higiene”¹⁰. Afastam do espaço de uso coletivo os indivíduos que poderiam causar qualquer tipo de vexame aos olhos dos visitantes: mendigos e doentes, a exposição das chagas e dos rostos doentes e miseráveis deixava de ser um espetáculo agradável aos olhos da “normalidade”, passava a ser considerada repugnante, exigindo espaços próprios para a sua exposição¹¹. Essa medida era considerada de grande alcance social e

“foi tomada, com relação ao estacionamento de mendigos, em grande número ali aglomerados, na ocasião. As autoridades sanitárias

⁹ Sobre a prática filantrópica no setor de assistência aos leprosos, principalmente na Inglaterra no final do século XIX desenvolveu-se um verdadeiro sentimento de ‘leprofilia’ decorrente do ressurgimento de uma doença que se considerava extinta desde a Idade Média e desse sentimento revitalizou-se instituições caritativas já esquecidas, mas importantes no financiamento de atividades voltadas para o cuidado dos doentes em várias regiões, principalmente nas colônias inglesas na África (principais exemplos a Missão Britânica para os leprosos nascida em 1874 e o Fundo Nacional da Lepra de 1889). TORRES, Diana Obregón. Batallas contra la lepra: Estado, Medicina y Ciencia en Colombia. Medellín: Banco de la República, Fondo Editorial Universidade EAFIT, 2002. (p.24).

¹⁰ O prefeito da capital toma iniciativas voltadas para o conforto dos romeiros, turistas e religiosos que se encaminharam à festa (em número estimado de trinta mil). “Romaria de Trindade”, Correio Oficial: 02 de julho de 1939. Coleção Arquivo Público Estadual – 223 - Correio Oficial – jan a dez de 1939.

¹¹ COURTINE, Jean-Jacques. O Corpo Anormal. História e Antropologia Cultural da Deformidade. In História do Corpo: As Mutações do Olhar: O século XX/sob a direção de Allain Courbin, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello; tradução e revisão Ephraim Ferreira Alves. 3. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

encarregadas localizaram em parte suburbana a concentração de todos os pedintes, doentes, evitando-se perigosa promiscuidade com pessoas sãs, e promovendo facilidades de doar aos pobres as esmolas que lhes foram reservadas”¹².

Essa não era uma medida isolada, complementava várias outras de alcance geral como a cobrança de informações de saúde dos trabalhadores públicos, a vigilância quanto ao trabalho médico, a proibição da frequência escolar de crianças advindas de lares onde havia doentes contagiosos, a construção de novos hospitais, as exigências sanitárias para construções de moradias e para o espaço público, a proibição de trabalho e comércio aos atingidos por enfermidades contagiosas, etc. Além do caráter sanitário, as medidas também buscavam a ampliação do comércio e do número de visitantes, sendo nesse sentido justificado o uso da força policial e do poder médico. Como se pode notar do acompanhamento dos recortes de jornais, o espaço público começava a ser examinado, o saber e o discurso médico se interpunham nos aspectos mais cotidianos, aconselhando, impedindo, impondo, definindo, ou seja, normatizando o cotidiano. Como expressão maior desse saber, nota-se em consequência a definição em 1937 da construção na capital do Hospital Colônia para isolamento dos doentes, de um Preventório para abrigo das crianças advindas de famílias leprosas e de três dispensários no estado, a construção do Regulamento de saúde Pública do Estado (1932 e sua revisão em 1937) e o reforço do sanitarismo na construção da nova capital.

Conclusões:

Além do exercício da filantropia, nota-se nos documentos o desenvolvimento de um modo de vida capitalista, da necessidade de braços para o trabalho assalariado nas cidades mais desenvolvidas do estado que chamavam a atenção para uma população desocupada, doente e sem utilidade social. A solução higiênica proposta se fez por meio da caridade, mas também por meio de um trabalho pedagógico e de popularização de uma mentalidade sanitária de aceitação do isolamento em prol da felicidade pública no caso da lepra. A pedagogia de conteúdo sanitário emergia nos discursos e formava a população sadia para a aceitação de novos códigos de comportamento que seriam postos em prática na década de 1940, bem com a uma autoritária política de disciplinamento e de esquadramento do espaço público próprias do desenvolvimento da medicina social.

¹² “Romaria de Trindade”, Correio Oficial: 02 de julho de 1939. Coleção Arquivo Público Estadual – 223 - Correio Oficial – jan a dez de 1939.

Referências bibliográficas:

ANZAI, Ieny Caselli - *Vida Cotidiana na zona rural do município de Goiás 1988-1939*. UFG. 1985.

BUENO, Jeronimo Carvalho. *História da medicina em Goiás*. Goiânia, 1979.

CAMPOS, F. Itami. *Serviço de Higiene: origem da saúde pública em Goiás*. In: FREITAS, Lena C. Branco de (Org.). *Saúde e doença em Goiás: a medicina possível: uma contribuição da história da medicina em Goiás*. Goiânia: Ed. da UFG, 1999.

CAMPOS, Francisco Itami. *Saúde Pública: a medicina e a política*. Revista de Patologia Tropical. V. 25. N. 2. P. 173-186, jul./dez. 1996.

CHAUL, Nasr Nagib Fayad. *A construção de Goiânia e a transferência da Capital*. 2. Ed. Goiânia: UFG, 1999.

CHAUL, Nasr Nagib Fayad. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia: UFG, 1997.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

COSTA, Nelson do Rosário. *Lutas Urbanas e controle sanitário: origem das políticas de saúde no Brasil*. Petrópolis: Vozes. 1985.

COURTINE, Jean-Jacques. O Corpo Anormal. História e Antropologia Cultural da Deformidade. In História do Corpo: As Mutações do Olhar: O século XX/sob a direção de Allain Courbin, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello; tradução e revisão Ephraim Ferreira Alves. 3. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CUNHA, Ana Zoe Schilling da. *Hanseníase: A história de Um Problema de Saúde*. – Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

DANZELOT, Jacques. *A Polícia das Famílias*. 2ª edição. Rio de Janeiro, editora Graal, 1986.

DOLES, Dalísia Elisabeth Martins. *A Santa Casa e os hospitais pioneiros de Goiânia* In: FREITAS, Lena C. Branco de (org). *Saúde e doença em Goiás: a Medicina Possível: uma contribuição da história da medicina em Goiás*. Goiânia: Ed. da UFG, 1999.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. – Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001, 2008 (reimpressão).

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da Clínica*. Tradução de Roberto Machado. – 6ª ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Os Anormais: Curso no Collège de France (1974-1975)*/ Trad. Eduardo Brandão. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*; Trad. de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira de. *Goiânia: locus privilegiado da saúde* In: FREITAS, Lena C. Branco de (org). *Saúde e doença em Goiás: a Medicina*

Possível: uma contribuição da história da medicina em Goiás. Goiânia: Ed. da UFG, 1999.

GOMIDE, Leila Regina Scalia. *Discurso Médico e Ação Profilática: a hanseníase em questão* in História e Perspectivas, n. 8. 1993 – Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, Curso de História. 1993.

GUIMARÃES, C. M.; ASSUNÇÃO, L. A. de; ROSA, L. M.; LEITE, T. C. *Construção do Conhecimento em Saúde Coletiva em Goiás (1930-1998)* in Estudos: Revista da Universidade Católica de Goiás. V.1, n. 1 (1973) – Goiânia: Ed. Da UCG, 1973.

GUIMARÃES, C.M.; GAMA, M. E. D. *A saúde Pública no Estado de Goiás: uma análise do Período 1930-1945*; Estudos, Goiânia, v. 29, n. 5, p. 1195-1206. Set/out. 2002.

GUIMARÃES, C.M. et. Al. *A Saúde no Estado de Goiás: notas Preliminares sobre sua trajetória*. Multitemas, Campo Grande, n. 6, p. 131-146, fev. 1998.

GUIMARÃES, Celma Martins e CRUZ, Alaíde Ferreira da. *Preventório Afrânio de Azevedo de Goiânia: Um estudo de Assistência Prestada aos Filhos de Hansenianos* In Estudos Goiânia v. 29 n. 5 p. 1451-1742, set./out. 2002.

PATERNOSTRO, Júlio. Viagem ao Tocantins. Companhia Editora Nacional, 1945.

MACHADO, Roberto (et al.). *Danação da Norma: a Medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*, - Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

MACIEL, Laurinda Rosa. *A solução de um mal que é um flagelo: Notas históricas sobre a hanseníase no Brasil no século XX* In NASCIMENTO, Dilene Raimundo e CARVALHO, Diana Maul (orgs) Uma História Brasileira das Doenças – Brasília: Paralelo 15, 2004.

MAGALHÃES, Carlos Pereira de. *Cartas de Goiás no princípio do Século XX*; prefácio de Antonio Pereira de Magalhães, 2004.

MEZA, Rúbia Marce de Moraes Ribeiro. *A hanseníase na construção da história de um povo*. In TECNIA: Revista de Educação Tecnológica da ETEG. V. 1, n. 1 (jul/dez) de 1996 – Goiânia: ETEG, 1996.

ORIENTE, Esther Barbosa. *Dona Gercina a mãe dos pobres* – Goiânia: Oriente. 1981.

PINHO, Lúcia Maria Oliveira, RODRIGUES, Makhell Cardoso, BORGINHO, Raquel Franco. *Hanseníase: a Realidade do Abandono* in Estudos: Vida e Saúde – Revista da Universidade Católica de Goiás. V. 31, n. 8 – Goiânia: Ed. Da UCG, 2004.

SALLES, Gilka Vasconcelos Ferreira de. *Saúde e Doenças em Goiás – 1826 –1930* In: FREITAS, Lena C. Branco de (org). *Saúde e doença em Goiás: a Medicina Possível: uma contribuição da história da medicina em Goiás*. Goiânia: Ed. da UFG, 1999.

SANGLARD, Gisele Porto. *Entre os Salões e o Laboratório: Filantropia, mecenato e práticas científicas* – Rio de Janeiro, 1920-1940. – Rio de Janeiro, 2005 (doutorado em História das Ciências da Saúde – Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ), 2005.

SANTOS, Fernando Sergio Dumas dos; SOUZA, Letícia Pumar Alves de; SIANI, Antonio Carlos. *O óleo de chaulmoogra como conhecimento científico: a construção de uma terapêutica antileprótica*. História Ciência e Saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>.

SANTOS, Luiz Antonio de Castro, FARIA, Lina e MENEZES, Ricardo Fernandes de. *Contrapontos da história da hanseníase no Brasil: cenários de estigma e confinamento*. *Rev. bras. estud. popul.* [online]. 2008, vol. 25, no. 1 [citado 2008-09-28],

SANTOS, Vicente Saul Moreira dos. *Entidades Filantrópicas e Políticas Públicas no Combate à lepra: Ministério Gustavo Capanema (1934-1945)*. Dissertação de Mestrado, FOC/COC – Programa de pós-graduação em História das ciências e da saúde. Rio de Janeiro, 2006.

SINGER, Paul. *Prevenir e curar: o controle social através dos serviços de saúde / Paulo Singer, Oswaldo Campos |e| Elizabeth Machado de Oliveira; seleção e coordenação de Fernando Lopes de Almeida |e| Francisco Rego Chaves Fernandes*. – Rio de Janeiro: Forense - Universitária, 1981.

TORRES, Diana Obregón. *Batallas contra la lepra: Estado, Medicina y Ciencia en Colombia*. Medellín: Banco de la República, Fondo Editorial Universidade EAFIT, 2002. (p.24).

TRONCA, Ítalo. *As Máscaras do Medo: Lepra e Aids*, São Paulo, Editora da Unicamp, 2000.